



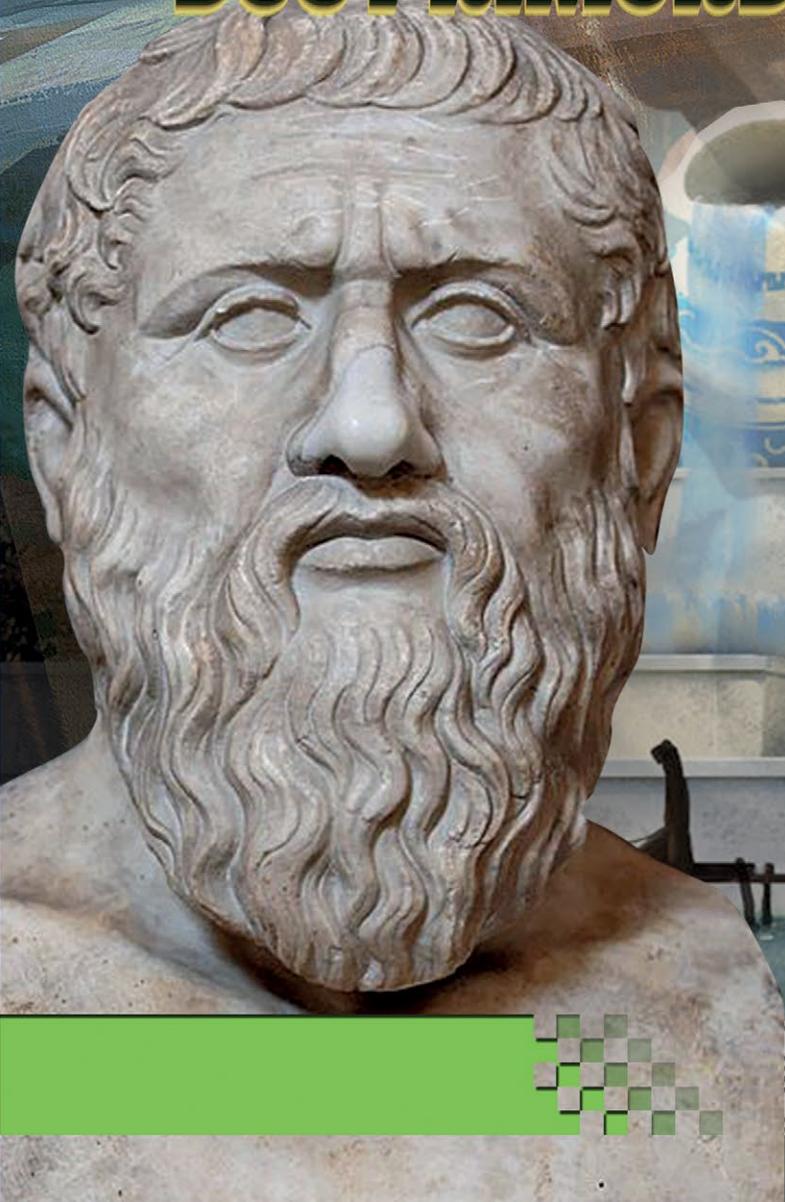
# A Verdade

ANO LXIX - Nº 552 - Setembro / Outubro de 2022

Revista Maçônica



## INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA: DOS PRIMÓRDIOS A PLATÃO





No dia 16 de setembro, durante o evento Movimento Família Glesp – Jantar Dançante, tivemos a oportunidade de viver um clima de felicidade muito intenso. Fiquei satisfeito em sentir que a felicidade que aflorava dos irmãos era uma felicidade própria, espontânea, latente dos irmãos, uma tremenda energia positiva emanada por todos os presentes no evento. Desculpe-nos por qualquer falha, e, inclusive, concordo que o som estava alto. Mas no ano que vem, faremos com mais tranquilidade.



Quero agradecer aos Grandes Secretários pelo trabalho voluntário que está sendo desempenhado, trabalho este exaustivo, diuturno, mas que dará frutos a todos e a nós, em particular, o prazer de estar lapidando a pedra bruta administrativa chamada Glesp. Todos têm a sua parcela de colaboração e sugestões serão bem-vindas.

Deixo, aqui, um agradecimento em especial para o irmão Luiz Carlos Tasco, que como uma fênix surgiu para nos ajudar; e para o nosso amado Grande Hospitaleiro Reinaldo, bom dia, bom dia!

Já na Assembleia Geral de setembro, tivemos uma experiência nova, uma reunião em paralelo com as nossas cunhadas, na qual a minha esposa Renata fez uma apresentação a respeito da importância do apoio das cunhadas, companheiras e família na nossa vida dentro da Maçonaria e tudo aquilo que podemos dar de retorno a nossa sociedade, no que diz respeito às questões de moral, ética e, principalmente, de união.

Também pretendemos fazer em todas as Assembleias Gerais uma apresentação das instituições de beneficência, caridade, creches e entidades mantidas por irmãos. Gostaria que todos conhecessem essas instituições e intervitassem-se mais vezes para perceber a riqueza e a grandeza que é a nossa instituição no auxílio à sociedade, aos mais necessitados.

A todos os membros da equipe Movimento Glesp, a todos os irmãos, lamento que foi e é impossível dar atenção a todos, mas tenham a certeza que o coração bate mais forte quando todos juntos estamos.

Um fraternal abraço,

**Grão-Mestre Jorge Haddad**

◆ EXPEDIENTE ◆



## A Verdade

Publicação bimestral da Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo (Glesp)

### Fundador

Irmão Francisco Rorato (1911-1983)  
Loja Prudente de Moraes, 5

### Administração

Grão-Mestre Jorge Haddad  
Loja Justiça e Tolerância, 689  
Oriente de Araraquara

### Conselho Editorial

Descartes de Souza Teixeira (L. 10)  
Ezivaldo Lins de Araújo (L. 124)  
Samir Nakhle Khoury (L. 141)  
Samir Cury (L. 857)

### Editor e Jornalista Responsável

Wagner Apinhanesi (MTB: 41.856-SP)

### EDIÇÃO DIGITAL

#### Assinatura

Seis edições bimestrais: R\$ 106,15

#### REVISTA A VERDADE

Rua São Joaquim, 138  
Liberdade - São Paulo - SP  
CEP: 01508-000  
Tel: (11) 3207-8399

E-mail: [averdade@glesp.org.br](mailto:averdade@glesp.org.br)  
[www.glesp.org.br](http://www.glesp.org.br)

**Atenção:** Os colaboradores das revistas A Verdade e Grande Loja em Destaque, que enviam informações, textos, fotos e imagens, são responsáveis pela autoria e originalidade do material enviado às revistas e pela obtenção de autorização de terceiros para a devida utilização, quando necessária, respondendo, assim, por qualquer reivindicação que eventualmente venha a ser apresentada às revistas em relação aos direitos intelectuais e/ou direitos de imagem.

Os colaboradores das revistas da Glesp são voluntários e não recebem remuneração pelo trabalho cedido às publicações. Os artigos assinados não refletem, necessariamente, o pensamento da direção ou do editor das revistas. Não devolvemos originais não publicados.





### Introdução à história da filosofia: dos primórdios a Platão

Caro leitor, pergunto-lhe: para que estudar Filosofia? Para os que percorrem o caminho do autoconhecimento, do lapidar da Pedra Bruta, considero um dever, uma ferramenta necessária aos que se propõem a ser Livres Pensadores, Construtores Sociais, Pescadores de Homens.



4  
Capa

### A Harmonia

Esotericamente, os sons penetram de tal forma no íntimo dos seres humanos que podem proporcionar-lhes harmonia e paz. Após o som ser transmitido por moléculas através do ar, ele chega ao tímpano, que é agitado conforme a amplitude e o volume do som que recebe.



12

### Efeitos da Maçonaria sobre o homem

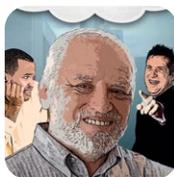
Em toda escola iniciática, a Iniciação é o começo de uma viagem sem volta, e quando ocorre de alguém ficar pelo caminho, é por não entender o valor dessas disciplinas e a profundidade do lapidar da Pedra Bruta, haja vista que os postulados maçônicos são imutáveis.



16

### Atitude maçônica além dos rituais

Quando falamos em atitude maçônica, podemos citar inúmeras, mas algumas são essenciais e valem a pena nos aprofundarmos numa maior reflexão. Este texto limitou-se a uma abordagem sobre a atitude de tolerância de um maçom para além do ambiente da Maçonaria.



18

### O nosso templo interior

A Maçonaria oferece a todos os iniciados materiais de estudo e assegura apoio nesse crescimento, sempre que for solicitada nessa trajetória. Isso posto, vamos esclarecer: em todo Grau que você estiver, encontrará farto material que contribuirá com a sua formação maçônica.



24

### Uma vida de frente para o altar

Há muito tempo, desejoso por conhecer os mistérios da natureza e da ciência, trabalhava um Companheiro maçom com razão e inteligência. Executor da arte, realizava os planos traçados pelos Mestres, dedicando energia, sendo fonte de luz com foco ardente.



28



30

### O lado oculto da ablução no grau de Aprendiz

Entre os diversos elementos que fazem parte desse planeta, a água tem merecido especial atenção por parte da humanidade, não apenas porque apresenta extraordinariamente interesse na assepsia das pessoas, mas também pela sua ocupação de destaque desde os mitos da criação.

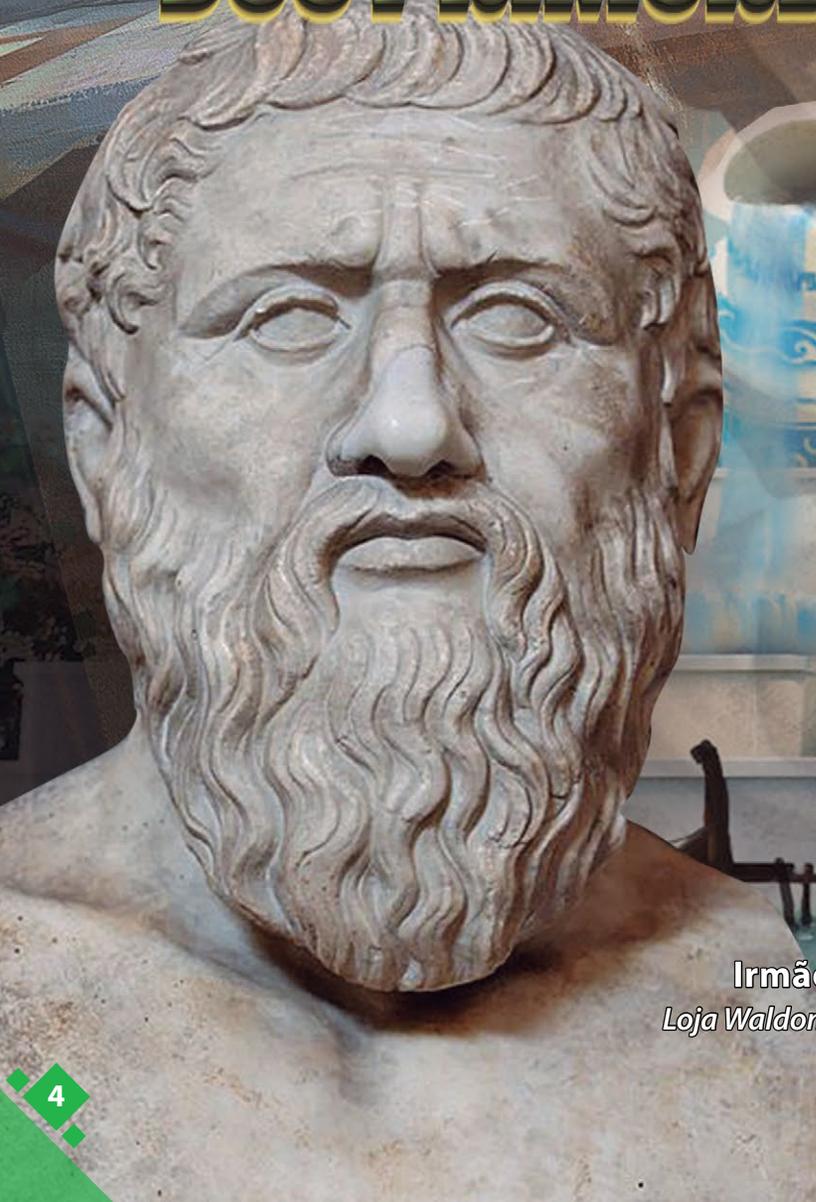


34

### O Brasão das Armas Nacionais

O Brasão das Armas Nacionais é um dos quatro símbolos da República Brasileira, e sua importância é tanta que seu uso é obrigatório pelos três Poderes da República (Executivo, Judiciário e Legislativo) e pelas Forças Armadas, estando presente em vários prédios públicos, como os prédios dos governos federal, municipal e estadual.

# INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA: DOS PRIMÓRDIOS A PLATÃO



**Irmão Mario Cristino Bandim Vasconcelos**  
*Loja Waldomiro Buozi, 612 - Oriente de São José dos Campos*



**C**aro leitor, pergunto-lhe: para que estudar Filosofia?

Para os que percorrem o caminho do autoconhecimento, do lapidar da Pedra Bruta, considero um dever, uma ferramenta necessária aos que se propõem a ser Livres Pensadores, Construtores Sociais, Pescadores de Homens. No entanto, para quem já bebeu dessa fonte e sentiu seus efeitos benfazejos na clarificação da consciência, ousou declarar que se trata mais de uma grande oportunidade do que uma obrigação.

Podemos relacionar diversos e saborosos frutos do mergulho nas águas tépidas da filosofia. De pronto e apenas a título ilustrativo citemos alguns:

### Múltiplas visões de mundo

Ao estudarmos filosofia, é importante termos em mente que não vamos escolher este ou aquele filósofo para seguir. A Filosofia é uma área de estudo inconclusa. Não importa o fim, mas o caminhar. Mas ao tomarmos contato com as visões de mundo de cada um dos seus pensadores, não descuidando do contexto histórico-social no qual viveram, ganhamos substância para desenharmos também nossas próprias visões, nossas próprias teorias.

### Melhoria da capacidade argumentativa

Quantas vezes temos aquela ideia que consideramos muito positiva, mas, por falta de um adequado encadeamento lógico de argumentos, não obtemos sucesso em tocar o coração dos nossos ouvintes? A Lógica e a Retórica são filhas da Filosofia, e dentre seus objetos de estudo está a Argumentação.

### Melhoria da capacidade analítica

Segundo Albert Einstein, “Tudo aquilo que o homem ignora não existe para ele. Por isso, o universo de cada um se resume ao tamanho de seu saber”. Isso posto, quando avaliamos um determinado objeto, seja ele uma ideia, um conceito ou um valor, só temos como ferramentas auxiliares de análise a nossa própria base de conhecimentos, valores, conceitos, preconceitos etc. Quando ampliamos essa base cognitiva, nossa capacidade de analisar o mundo ganha poder.



## Formação de lideranças

Nossa Ordem é (pelo menos se propõe a ser) um berço de formação e aperfeiçoamento de líderes. E temos dois públicos muito importantes que podem se beneficiar do nosso aperfeiçoamento filosófico: os próprios irmãos que, em sua maioria, já desempenham funções de liderança em diversas áreas de suas vidas profanas e as diversas entidades para-maçônicas que congregam membros de diversas faixas etárias. Imagine, por exemplo, o solo fértil que é um Capítulo DeMolay ou um Bethel das Filhas de Jó. O quanto podemos colaborar na formação desses jovens.

## Maior aproveitamento dos conhecimentos ritualísticos

Costuma-se dizer que a Maçonaria é um “*Sistema de moralidade velado por alegorias e ilustrado por símbolos*”. Se é velado, para conhecermos seus mistérios e ensinamentos, precisamos desvelar, retirar o véu dessas alegorias. E tanto as alegorias como os símbolos, em sua vasta maioria, guardam relação e fazem referências a conhecimentos filosóficos de diversas épocas, além, é claro, do significado que lhes conferem os diferentes ritos.

Esses são apenas alguns dos inúmeros “efeitos colaterais positivos” dessa mágica poção chamada Filosofia. Feita essa brevíssima introdução, há que se clarificar as intenções deste trabalho que ora se inicia: estimular os irmãos ao estudo mais aprofundado dos diversos ramos da Filosofia sem, obviamente, a pretensão de ser exaus-

tivo, pois seria uma missão literalmente impossível. A Filosofia é um valioso cinzel capaz de aparar nossas mais incômodas arestas e nos ajudar na busca eterna da pedra perfeitamente polida.

## Conceitos fundamentais

Antes de iniciarmos nosso estudo, faz-se necessária a apresentação de alguns conceitos para melhor entendimento sobre o pensamento filosófico-científico, quais sejam:

**Physys** – Mundo Físico (ou natural). Segundo a visão dos chamados *Physiólogos*<sup>1</sup>, a compreensão do mundo natural encontra-se nesse próprio mundo e não fora dele.

**Causalidade** – O princípio pelo qual tudo sempre teve uma causa anterior, e o que distingue a explicação mítica da filosófico-científica é a referência desta apenas a causas naturais, enquanto aquela se fundamenta em origens imateriais, divinas, mágicas etc. O problema da causalidade é que resulta em uma regressão ao infinito e busca-se uma causa primordial (não criada) que recebeu o nome de *Arché*. Essa seria a causa primordial perseguida por inúmeros pensadores.

**Cosmos** – Traduz a ideia de ordem, harmonia e beleza e opõe-se ao caos, que seria precisamente a ausência de ordem, um estado anterior à sua organização<sup>2</sup>. Desse conceito deriva o termo “cosmologia” como sendo o estudo dos processos, forças e fenômenos naturais que integram o universo.

**Logos** – Em grego, tem o significado de discurso, mas devemos entendê-lo como uma explicação fundamentada por explicações, por argumentos. Daí deriva o termo “lógica”. Na visão dos primeiros filósofos, segundo MARCONDES (2002) “*é a correspondência entre a razão humana e a racionalidade do real, o que tornaria possível um discurso racional sobre o real*”.

**Caráter crítico** – Diferente do pensamento mítico, naturalmente dogmático, o pensamento filosófico-científico tem na dúvida e na crítica constante seu motor de propulsão. O questionamento era estimulado na Escola de Mileto e outras, desde que justificado. Ou seja, uma tese era contraposta por uma antítese e, do confronto racional entre os argumentos de uma e de outra, nascia a síntese. Esta, elevada ao patamar de nova tese, estava agora passível de ser contraposta por nova antítese, e assim o processo dialético se perpetua em busca do lugar mais próximo das verdades.

## Os primórdios

Tales de Mileto (624-546 a.C.), 200 anos após sua morte, é reconhecido por Aristóteles como tendo sido o primeiro filósofo. Era uma época em que, devido ao forte incremento das relações comerciais entre os povos e contato entre diferentes culturas, a força dos Mitos começava a ceder lugar a uma busca mais metódica de explicações sobre a *Physis* (Mundo Natural) com se pode depreender do trecho abaixo:

*“A partir da observação, Tales deduziu que condições específicas de tempo, e não súplicas aos deuses, levavam a uma boa colheita. Dizem que ele, prevendo uma alta produção das oliveiras em certo ano, comprou as moendas de azeitonas da região, obtendo grandes lucros depois ao alugá-las para satisfazer a demanda crescente.”*

Ele também buscava encontrar a substância fundamental (arché) que, segundo suas concepções deveria ser a base de tudo, ser essencial à vida, capaz de se mover e capaz de mudar, chegando então a definir a água como essa substância básica da constituição do Mundo Natural. Saliente-se que a cultura grega contemporânea a Tales ainda sofria (e assim seria por um bom tempo) influência das

Epopéias Homéricas (Ilíada e Odisseia) e da Teogonia de Hesíodo, e, sob essa influência, o deus Oceano (mais velho dos Titãs) era de onde tudo provinha. Considerada essa influência, entendemos como absolutamente natural essa teoria da origem aquática do mundo.

Tales era, acima de tudo, um professor, o primeiro da chamada Escola de Mileto (ou Jônica). Anaximandro (610-546 a.C.), seu discípulo, expandiu suas teorias e depois se tornou mentor de Anaxímenes (585-528 a.C.), que considerava que a substância primordial era o ar (pneuma), uma vez que este é incorpóreo e se encontra em toda parte. Anaximandro, por sua vez, entendia que esse princípio deveria ser *“infinito espacialmente e indefinido qualitativamente: conceitos estes que em grego se expressam com o único termo, ápeiron”*(grifei).

As teorias de Heráclito de Éfeso (535-475 a.C.) foram de encontro ao pensamento da Escola de Mileto. Ele entendia o Universo como um único e fundamental processo de mudança governado por um logos divino. A Natureza estaria em constante mudança e é clássica a sua máxima *panta rhei* (“Tudo Escorre” ou “Tudo Muda”). A *Physis* estaria governada pela chamada “Harmonia dos Contrários”. Exemplificando: a fome torna prazerosa a saciedade; o cansaço nos faz valorizar o descanso; a luz e as formas não seriam distinguíveis sem as sombras. E, por isso, ele atribui ao fogo o status de substância primordial, visto que ele opera constantes mudanças de estado nas substâncias.

Falamos da água (Tales), do ar (Anaximenes), do fogo (Heráclito) e acreditamos que convêm, antes de prosseguirmos, citarmos Leucipo (início do Sec. V a.C.) e Demócrito (460-371 a.C.). Ambos fizeram parte da conhecida escola atomista, a qual propunha a realidade composta por átomos e espaços vazios que, juntos, permitiam o movimento das substâncias. Esses átomos seriam indivisíveis e, portanto, a base de tudo que existe.

Perceba que vai se formando, através do tempo, uma teoria muito citada em algumas simbologias de nossa augusta Ordem: a Doutrina dos Quatro Elementos. E, o primeiro que se notabilizou por essa linha teórica foi Empédocles de Agrigento (490-430 a.C.) e sua teoria subsistiu por séculos até a modernidade, fundamentando inclusive bases místicas do conhecimento alquímico e hermético.

Platão nos apresenta também essa teoria em diversas partes do seu diálogo *Timeu-Crítias*.

*“Foi por isso que, tendo colocado a água e o ar entre o fogo e a terra, e, na medida do possível, produzido entre eles a mesma proporção, de modo a que o fogo estivesse para o ar como o ar estava para a água, e o ar estivesse para a água como a água estava para a terra, o deus uniu estes elementos e constituiu um céu visível e tangível. Foi por causa disto e a partir destes elementos – elementos esses que são em número de quatro – que o corpo do mundo foi engendrado” (PLATÃO, 2011).*

## Sócrates (469 a 399 a.C.)

Esse nome é, sem dúvida, um dos principais, senão o maior, marcos do pensamento. Considerado o fundador da Filosofia Ocidental nada deixou de escrito, não organizou nem fundou nenhuma escola, mas escreveu seu nome na história por sua postura questionadora e (por que não dizer?) provocativa entre o povo ateniense. Filho de um pedreiro e de uma parteira, Sócrates considerava que a vida só valeria a pena ser vivida se pautada pela virtude, mas, para isso, era preciso distinguir o bom e o mau proceder.

No entanto, ao contrário de boa parte do pensamento contemporâneo, Sócrates acreditava que os conceitos de bom e mau eram absolutos e, para distingui-los, era necessário um processo de questionamento temperado pela razão. Sócrates, através de uma técnica conhecida por Maiêutica Socrática ou, tecnicamente, o Método da Análise Conceitual, exercia a arte de fazer parir, não crianças como sua mãe, mas ideias. Ou seja, através uma sequência bem direcionada de perguntas, ele levava as pessoas a colocarem para fora seu próprio conhecimento. Platão, em seu diálogo *Teeteto*, transcreve o que seu mestre teria dito a respeito. Vejamos:

*“A minha arte obstétrica tem atribuições iguais às das parteiras, com a diferença de eu não partejar mulher, porém homens, e de acompanhar as almas, não os corpos, em seu trabalho de parto. Porém, a grande superioridade da minha arte consiste na faculdade de conhecer de pronto se o que a alma dos jovens está na iminência de conceber é alguma quimera e falsidade ou fruto legítimo e verdadeiro. Neste particular, sou igualzinho às parteiras: estéril em matéria de sabedoria, tendo grande fundo de verdade a censura que muitos me assacam, de só interrogar os outros, sem nunca apresentar opinião pessoal sobre nenhum assunto, por carecer, justamente, de sabedoria.”*

O papel dos filósofos, na visão de Sócrates, não era o de transmitir conhecimento, mas fazer com que o outro dê a luz às suas próprias ideias. Além disso, os *Diálogos Socráticos*, trazidos à luz do mundo por seu mais dedicado discípulo (Platão), eram considerados aporéticos ou, melhor explicando, inconclusos.

Sócrates, ao contrário de seus predecessores, não se preocupava tanto com a Natureza e suas leis, mas com a questão ético-política, e essa preocupação é fruto das mudanças pelas quais passava a sociedade da sua época, tais como o surgimento da democracia, o fortalecimento das cidades-estados, o desenvolvimento do comércio e consequente aumento na interação com outras civilizações, culturas e crenças; as reformas políticas que já vinham se processando desde os governos de Sólon e Clístenes, o surgimento do Teatro e das tragédias gregas (Ésquilo e Sófocles), os relatos históricos e geográficos (Heródoto, Tucídides, Xenofonte).

Todos esses fatores contribuíram, por exemplo, para deslocar o que se entendia por ciência para longe das práticas mágicas ou sobrenaturais e aproximá-la de uma visão mais secular (laica) da realidade.

Sócrates tinha como “adversários” intelectuais um grupo de pensadores chamados Sofistas. Ele os acusava de não buscarem a verdade e sim, através do domínio da retórica e da oratória, vencerem contendas argumentativas, ganharem debates em defesas de causas ou acusações contra cidadãos. Mal comparando e com todo o respeito a que faz jus essa nobre categoria seriam os advogados de Atenas.

Mas a influência dos Sofistas se fez presente muito além dessa visão socrática de suas atividades. Alguns merecem destaques e citaremos dois deles. O primeiro, Protágoras de Abdera (490 a 421 a.C.) é o autor de uma conhecida frase: “*O Homem é a medida de todas as coisas. Das que são como são e das que não são como*

*não são.*” Ele defendia que todo processo decisório passa pela superação das diferenças através do uso da dialética e com o objetivo de se atingir o consenso.

Já Górgias nos relata: “*mais importante que o verdadeiro é o que pode ser provado ou defendido*”. Posso citar um exemplo para ilustrar essa frase: não conheço a essência da gravidade, mas sei como ela funciona. Isso me basta e bastou para levar o homem à Lua.

Sócrates teve um fim trágico justamente por seu empenho na busca das verdades e estímulo a uma consciência libertadora dos cidadãos. Acusado de desrespeitar as tradições e corromper a juventude, foram-lhe oferecidas as opções de beber veneno (cicuta) ou ser exilado para sempre. Escolheu a primeira opção pois, além da condição de viver o resto da vida como estrangeiro ser terrível, fugir seria negar tudo que acreditava como correto.

## Platão (428 a 348 a.C.)

Filho de uma família da aristocracia Ateniense, seu nome verdadeiro era Aristocles. O apelido Platão, que significa “amplo” ou “de ombros largos”, foi-lhe atribuído por sua compleição física privilegiada, fruto de práticas atléticas.

Foi educado para um futuro político, mas se tornou discípulo de Sócrates e produziu inúmeros diálogos nos quais reproduz as interações do mestre com outros personagens atenienses. Há controvérsias sobre o limite da reprodução genuína e a influência das próprias ideias e, considerando-se essas



questões, podemos dividir estes diálogos em quatro fases temporais: Diálogos Autênticos (399 a 390 a.C.), Diálogos Intermediários (389 a 388 a.C.), nos quais encontramos a Teoria das Formas e os Princípios do Platonismo e da Metafísica Clássica; Diálogos da Maturidade, onde ele já faz uma crítica aos limites da Teoria das Formas; e os Diálogos de sua fase final.

Podemos dizer, sem hesitação, que seu mais importante e conhecido diálogo é *A República*, no qual ele desenha um ideal de cidade-estado com uma bem definida estratificação de funções e onde o governo seria exercido por sábios. A esse líder ele chamou de Rei-Filósofo.

Platão faz uma crítica à democracia pois, neste sistema, o voto de uma pessoa ignorante teria o mesmo peso de um sábio. É também em *A República* que ele apresenta seu célebre Mito da Caverna<sup>4</sup>, no qual, simultaneamente, ele aborda a Teoria das Formas e faz uma metáfora relacionada ao assassinato de Sócrates pelo governo ateniense.

## Mito da Caverna

Resumidamente, o Mito da Caverna pode ser assim descrito:

Prisioneiros criados presos, dentro de uma caverna inatingível pela luz do Sol, e voltados para uma parede, sem condição de olhar para outro lado, passam a vida a enxergar as sombras projetadas na parede por um foco de luz sobre alguns objetos, pessoas ou animais que transitam sobre um muro, posicionado atrás deles e do qual eles também não têm visão ou consciência.

Para eles, o mundo real é o mundo das sombras, pois não conhecem outra realidade nem conseguem explicar a origem (princípio criador) dessas sombras.



Figura 1 - Jan Saenredam: Il mito della caverna (1604)

Em um determinado momento, um deles consegue se libertar e, além de tomar ciência do aparato que projeta as sombras, vai mais além, sobe pelo túnel que liga a caverna ao mundo exterior e toma contato com a origem da verdadeira luz, o Sol, a Natureza, os animais em suas formas verdadeiras.

Esse homem volta para avisar seus companheiros de que há muito mais a se conhecer do que seus limitados pontos de vista permitem. Eles, achando que o homem que saiu da caverna está louco e tentando destruir tudo que acreditam como verdade, o matam.

## Considerações finais

A Filosofia nos estimula a buscar formas de compreender o mundo e tornar o mais agradável possível a nossa passagem por este plano. Aliado aos objetivos de nossa Fraternidade enquanto escola de moralidade e ferramenta para tornar feliz a humanidade, o estudo da Filosofia é, ou deve ser, um facilitador nessa missão.

Isso posto, de tudo que abordamos até agora sob um viés histórico, tomamos a liberdade de selecionar o célebre mito do grande Platão e dar a nossa leitura pessoal de um de seus elementos, mas o leitor pode e deve se sentir à vontade para tomar contato com o texto original de *A República* e buscar suas próprias interpretações.

Podemos visualizar as correntes como os conceitos que nos amarram desde a infância. Nossa educação familiar e tradicional tem um papel importantíssimo na nossa formação, mas, sem dúvida, constrói também algumas correntes, ou seja, limitadores que precisam ser rompidos pelo questionamento, pela reflexão, enfim, pelo exercício da razão.

A nossa Fraternidade, que tem como um dos objetivos a livre investigação da verdade, não tem espaço para dogmas. Uma sociedade de livres pensadores precisa ter a liberdade e o dever de questionar tudo. Exercer o processo dialético à exaustão, buscando a excelência do pensamento. E aos que ousam levantar a voz para apontar que “O Rei está nu”<sup>5</sup>, direcionamos nossas mais positivas energias e o estímulo para que jamais se calem. A Humanidade já viveu, e ainda vive, tempos trevosos, onde o obscurantismo grassa entre as massas e, pasmem, contamina mentes (em tese) muito bem formadas sob o ponto de vista acadêmico. Sempre haverá os que tentarão matar, simbólica ou realisticamente, o direito de pensar diferente.

A humildade de submetermos nossas crenças incansavelmente ao escrutínio da razão não é garantia de atingirmos a Verdade, mas é o único caminho de nos aproximarmos cada vez mais dela. ◆



## Referências bibliográficas e obras consultadas

JAEGER, Werner. *Paideia: A formação do homem grego*. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

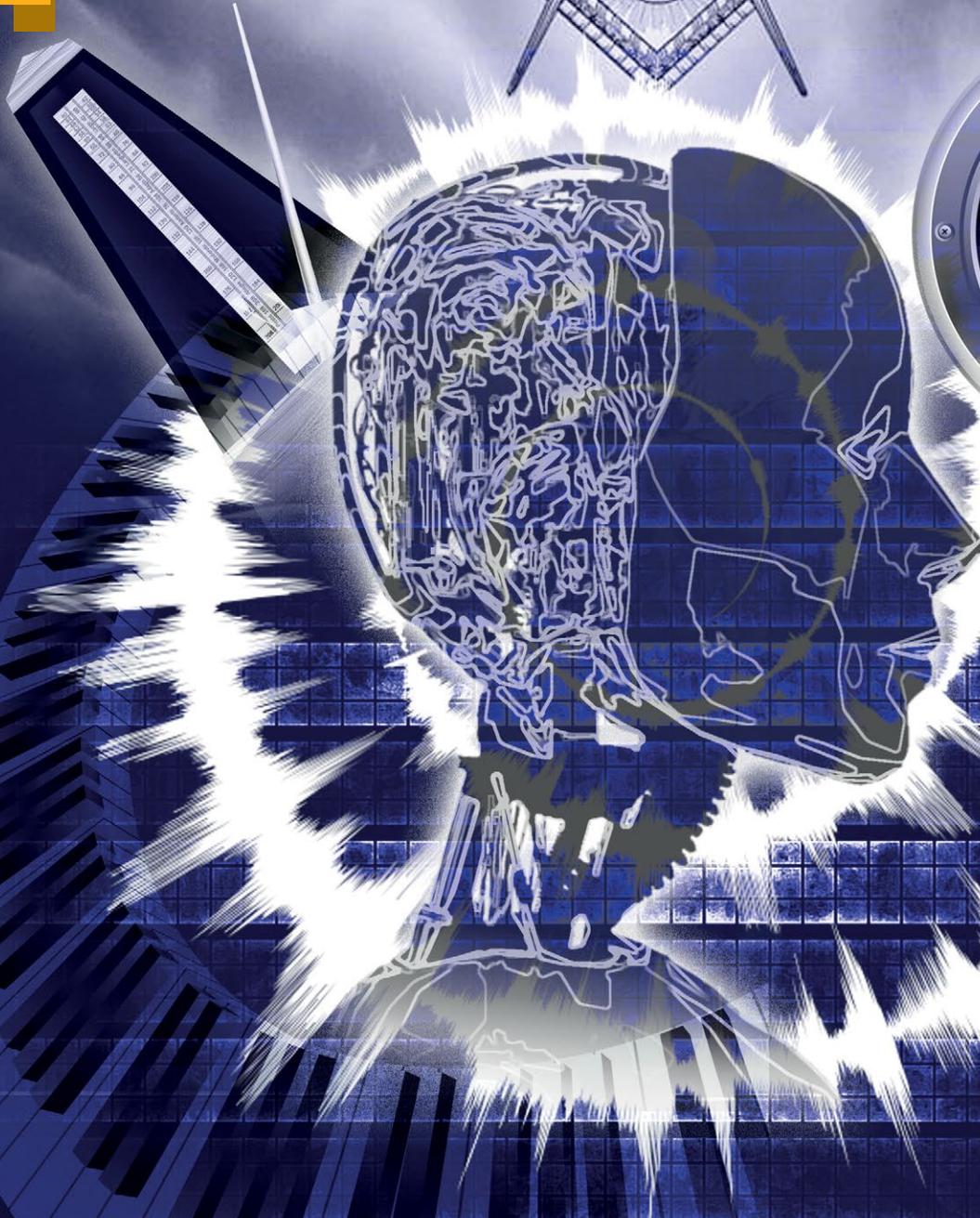
PLATÃO. *Timeu-Crítias*. Coleção Autores Gregos e Latinos: Série Textos. 1ª ed. Trad. do Grego, Introd. e Notas Rodolfo Lopes. ECH ed. Coimbra – Portugal, 2011.

REALE, G. ANTISERI, D. *História da filosofia – Vol. 01 – filosofia pagã antiga*. 3ª ed. Ed. Paulus: São Paulo, 2007.

VÁRIOS COLABORADORES. *O Livro da Filosofia*. Tradução Douglas Kim. São Paulo: Globo. 2011.

### Notas:

- 1 - Conceito usado por Aristóteles em *Metafísica I*.
- 2 - Os Mitos Fundadores de diversas culturas prescrevem que, no princípio de tudo, existia o caos ou escuridão ou abismo infinito ou qualquer outra representação da desordem, posteriormente eliminado ou dominado por um princípio organizador (Deus, Amon-Rá...)
- 3 - REALE (2007).
- 4 - Sugerimos que o leitor pesquise também sobre o Mito da Linha Dividida. Menos conhecido que o Mito da Caverna, mas não menos importante para o conhecimento do pensamento Platônico. Esse mito também é encontrado no diálogo *A República*.
- 5 - Referência ao conto *A Roupa Nova do Rei*, de Hans Christian Andersen.



# A Harmonia

**Irmão Cesar Augusto Garcia**  
*Loja Perfeição e Justiça, 238*  
*Oriente de São Paulo*

A música é uma das sete artes liberais. Tem o condão de preparar o ambiente para a meditação. Não só acalma, ameniza e conforta, mas pode também diminuir certos tipos de nervosismos e ajudar na cura de processos orgânicos.

Esotericamente, os sons penetram de tal forma no íntimo dos seres humanos que podem proporcionar-lhes harmonia e paz. Após o som ser transmitido por moléculas através do ar, ele chega ao tímpano, que é agitado conforme a amplitude e o volume do som que recebe. Entretanto, nesse estágio, o cérebro recebe apenas uma informação incompleta, sem distinção do que aquele som realmente representa. O resultado final, decodificado pelo cérebro, forma então uma imagem mental do mundo físico, que é gerada a partir de uma longa cadeia de eventos mentais.

Pode-se dizer que o primeiro processo dessa cadeia é a “extração de características”, que ocorre quando o cérebro apenas percebe as nuances básicas da música, por meio das redes neurais especializadas. Nessa fase, o som é decomposto em elementos básicos como altura, timbre, localização no espaço, intensidade e volume, entre outros. Isso ocorre nas partes periféricas do cérebro. O segundo passo ocorre nas partes superiores cerebrais, quando é preciso in-

tegrar essas informações básicas adquiridas de forma a obter uma percepção completa.

Daniel Levitin, neurocientista e músico, em seu artigo *A ilusão musical*, explica que o cérebro enfrenta três dificuldades nas fases mencionadas acima, as quais provocam reações no indivíduo: *“primeiro: a informação que chega aos receptores sensoriais é indiferenciada em termos de localização, fonte e identidade. Segundo: a informação sonora é ambígua: diferentes sons podem gerar padrões de ativação similares ou idênticos ao atingirem o tímpano. Terceiro: a informação sonora é incompleta”*.

Logo, uma das funções dessas etapas é fazer uma espécie de cálculo estimado do que está acontecendo realmente no mundo, o que permite afirmar que a percepção auditiva é um processo de inferência.

Pode-se afirmar que a atividade musical envolve quase todas as regiões do cérebro e os subsistemas neurais. Quando uma música emocional, são ativadas estruturas que estão nas regiões instintivas do vermis cerebelar (estrutura do cerebelo que modula a produção e liberação pelo tronco cerebral dos neurotransmissores dopamina e norepinefrina) e da amígdala (principal área do processamento emocional no córtex).

O que se pretende com a música é a harmonia. Contudo, em função do ritmo, do



tipo de melodia e da mensagem, o inverso também é possível, ou seja, a desestabilização emocional, a afloração de sentimentos menos nobres. A Harmonia, em seu sentido mais amplo, é a ciência da combinação dos sons, o que forma os acordes musicais, e tem por finalidade a formatação de uma das expressões na criação da Beleza.

Na Maçonaria do passado, a Coluna da Harmonia era composta por irmãos músicos que tocavam, buscando propiciar a harmonia que deve reinar entre os obreiros e equilibrar as emoções durante os rituais maçônicos. Hoje, os músicos foram substituídos por aparelhagem eletrônica, operada pelo Mestre de Harmonia.

Os discípulos de Pitágoras estudavam a música como disciplina moral, pois ela atuava no controle dos ímpetos das paixões agressivas e no afloramento dos sentimentos nobres e elevados. Por meio da música, buscavam desenvolver a união, pois entendiam que ela instruía e purificava a mente, desse modo, eliminando – pela audição de melodias suaves e agradáveis – a angústia, anseios frustrados, agressões verbais e stress mental.

Portanto, em uma reunião maçônica, deve-se tocar a música que melhor traduza os sentimentos dos irmãos em cada momento do ritual, mas sempre em volume bastante baixo, quase inaudível.

Correntes de irmãos defendem a não

programação de músicas religiosas nas sessões maçônicas, visto o caráter universal da nossa Ordem, evitando constrangimentos a irmãos de religiões diferentes. Sugere-se a não execução de músicas cantadas, pois elas induzem a sentimentos outros que levam os irmãos a fazerem imagens mentais que os tiram da manutenção da egrégora.

Outra corrente orienta que o fundo musical deve ser ouvido desde o início, quando da Sala dos Passos Perdidos, com melodias que elevem os irmãos aos mais nobres sentimentos, preparando-os para o início dos trabalhos, lugar onde devem estar paramentados e com as suas insígnias.

Compreendem normas na Maçonaria que suas reuniões se realizem com músicas adequadas e propícias. A música utilizada tem que ser analisada e muito bem escolhida, em razão da mensagem que se pretende transmitir e causar impressões inesquecíveis na mente do iniciado, pois nas sessões se transmite e se pratica a síntese filosófica da nossa instituição.

Os ensinamentos seculares da Maçonaria transmitidos, quando associados a uma música adequada, serão sempre recordados quando da audição daquela melodia. Em função disso, o Mestre de Harmonia deve desenvolver o entendimento da psicologia da Harmonia na Maçonaria, apresentando músicas melodiosas e suaves, convidativas à meditação, incutindo e auxiliando na

manutenção do estado de consciência espiritualmente limpo dos irmãos que estejam no Templo Maçônico.

As músicas devem ser de caráter neutro. A melodia apresentada deve ser aquela que induza o irmão à introspecção, elevando-se à reflexão do seu Eu. E não o tipo de música que induza ao desvio dos pensamentos dos irmãos para ambiente externo do templo, a locais ou situações que costumeiramente “aquela” melodia é ouvida.

O cargo de Mestre de Harmonia é uma função derivada do Mestre de Cerimônias, pois tem relação íntima com a beleza e demais atos praticados quando da realização dos trabalhos.

O ocupante desse cargo deve ser um Mestre Maçom experiente, com grande sensibilidade musical e conhecimento sobre o rito praticado em sua oficina. Esse cabedal oportunizará as condições necessárias para que a loja alcance a harmonia desejada por intermédio da sonorização musical.

O Mestre de Harmonia, em parceria com o Venerável Mestre ou cumprindo delegação deste, deverá selecionar com antecedência as músicas que executará, mantendo uma sequência adequada para cada parte do ritual.

Alguns cuidados devem ser tomados no exercício das atribuições de Mestre de Harmonia: a interrupção da melodia só deve ocorrer quando terminar a frase musical,

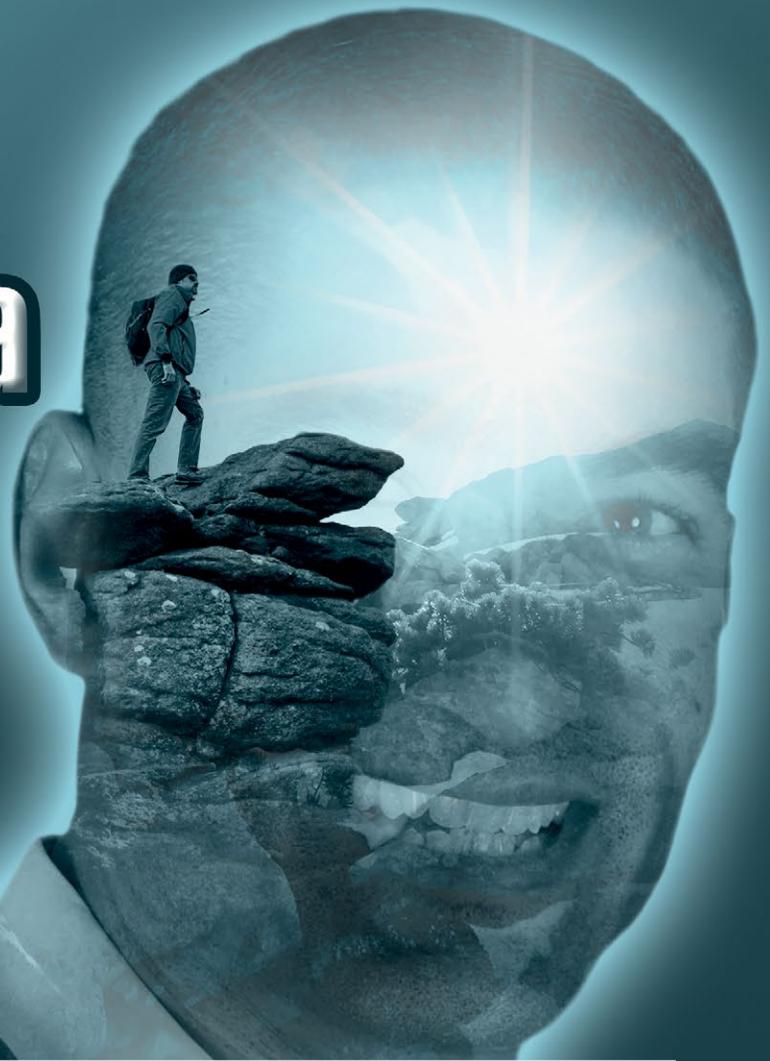
os Veneráveis Mestres deverão respeitar essa regra, do contrário a harmonia perde o sentido.

Deve-se dar preferência a músicas maçônicas ou de autores maçons. Estudiosos em harmonia maçônica aconselham a adoção das medidas a seguir elencadas. No transcorrer das Sessões Ordinárias, Magnas e Especiais: para a entrada dos irmãos do quadro, exceto nas Sessões Fúnebres, deverá ser tocado o *Hino Maçônico*, de Mozart; ou o *Hino da Maçonaria*, de D. Pedro I; não existindo estas obras, qualquer outra música maçônica. Para a saída da loja: poderá ser executada a obra de Mozart subintitulada *Para o Fechamento da Loja*, ou as melodias citadas acima. Para a entrada e saída de autoridades maçônicas, profanas e convidados nas sessões brancas, excluindo-se as fúnebres: aconselha-se a *Marcha Maçônica*, de Beethoven. Na circulação da bolsa de proposta e informações e tronco de beneficência, algumas músicas são bem indicadas, como por exemplo: *Meditação de Thais*, de Jules Massenet; *Souvenir*, de František Drdla; e *Sonho de Amor*, de Franz Liszt.

A importância da música na formação da egrégora, na introspecção e no alívio das tensões é algo cientificamente comprovado, desde que seja música suave, harmônica e em volume baixo, quase inaudível, pois ela não pode e não deve competir e ocupar o espaço da meditação. ◆

# Efeitos da Maçonaria sobre o homem

**Irmão Roldão Ruffini**  
*Loja Dr. Walter Pinto, 251*  
*Oriente de Piracicaba*



O homem é um ser gregário, e viver em bando dá a ele a coragem e a ousadia da própria superação. A Maçonaria é uma das grandes alavancas dessa agregação, principalmente quando as lojas têm objetivos definidos e todos buscam o mesmo ideal.

Embora não seja uma religião, muitos a usam como tal, face alguns princípios que a norteiam e que são básicos nas religiões sem, contudo, transformá-la em culto religioso.

Para muitos dos seus obreiros, a Maçonaria é encarada como uma escola, onde os alunos têm regularmente aulas em três matérias. A primeira delas é a Disciplina, na qual, através de suas alegorias repetitivas, aprendem o dom da paciência e a perseverança, além de não perderem o foco nos

propósitos, características muito úteis para a evolução dos seres. Também fazem parte dessa didática um rígido sigilo, uma legislação severa e uma escolha hierárquica absolutamente democrática, não tolerando outras opções.

A segunda matéria, não menos importante, é a Tolerância, na qual obreiros de origens diversas e educação heterogênea se complementam. Podem até se agruparem atraídos por algumas afinidades, mas o respeito é soberano com todos. Embora tais afinidades não signifiquem adesão, conceitos sobre política, religiões e outros afins não são motivos de segregação.

O obreiro aprende que a prática da tolerância é uma virtude complexa e cheia de limites, não é só ser justo com quem é justo, é uma renúncia de

poder que vai contra a si mesmo e a favor do outro, por isso, essa prática está sempre presente na boca e na mente dos obreiros para que não se esqueçam de praticá-la.

E a última e também muito importante matéria é a Filosofia. As sessões maçônicas são verdadeiras aulas filosóficas, durante as quais a busca da verdade não tem limites, multiplicando questionamentos até mesmo para impossíveis respostas. A busca por um conhecimento mais polido faz do estudante um amante da sabedoria, enriquecendo e confrontando sua formação cultural.

Como toda escola iniciática, a Iniciação é o começo de uma viagem sem volta, e quando ocorre de alguém ficar pelo caminho, é por não entender o valor dessas disciplinas e a profundidade do lapidar da Pedra Bruta, haja vista que os postulados maçônicos são imutáveis, obrigando o obreiro a uma mudança constante de seus parâmetros – e não o contrário.

O profano nasce sem que tenha pedido a ninguém e vive de pensamentos automáticos excluídos da consciência da própria existência até que ocorra o reencontro com seu próprio ser. O oposto à morte não é a vida, mas sim o nascimento, e a reflexão na Iniciação promove o renascimento, um novo jeito de pensar o mundo.

As alegorias e os ensinamentos feitos através dos símbolos, baseados nos construtores medievais, mostram com simplicidade o que de melhor existe na forma de educar, porque símbolos, além de fáceis de serem gravados na mente, revelam os arquétipos escondidos no inconsciente, libertando o obreiro de suas amarras na busca da excelência como ser humano e espírito aprimorado.

Sem que se perceba, as aulas de Maçonaria ensinam os maçons a serem bons líderes, a se posicionarem melhor diante dos problemas, principalmente relacionados a pessoas. A cada aumento de salário, ou cargo ocupado, os irmãos tornam-se

melhores do que já foram e mais sábios para lidarem com as frustrações. Quantos entram tímidos e acabam sendo excelentes oradores, e outros, bons administradores? Isso ocorre pelo estímulo da autoestima, que também tem seu lado negativo quando entra nos limites da vaidade. Todos são preocupados com isso.

A preparação para a velhice e a melhor forma de utilizar a última fase da vida é outra parte importante dessa escola filosófica. Os obreiros aceitam a decadência do corpo humano sem ressentimentos, crentes de que tudo faz parte do todo, cada um com sua missão e seu ciclo de vida. Sabem que nada escapará da renovação obrigatória de todos os seres vivos desse planeta que circula nesse magnífico Universo com suas regras imutáveis e um cronômetro de contagem regressiva para tudo e para todos.

A benemerência pregada acalenta e fortalece o espírito pelo fato de poder compartilhar as dádivas presenteadas pelo Criador. Não existe nada tão gratificante do que ajudar desinteressadamente um ser humano.

Que bom se tudo isso já fosse uma realidade perene. Essa sabedoria pedagógica criada pelos nossos irmãos antepassados, como num sonho para “tornar feliz a humanidade”, ainda está longe de se concretizar em sua plenitude, porque muitos dos iniciados desconhecem seus fins e, em benefício de vaidades, deturpam os meios de conquistá-la simplesmente recusando o prêmio de uma vida mais suave e agradável a todos. Bater com malho e cinzel na própria pedra bruta pode causar ferimentos, é bem mais fácil bater na pedra do vizinho.

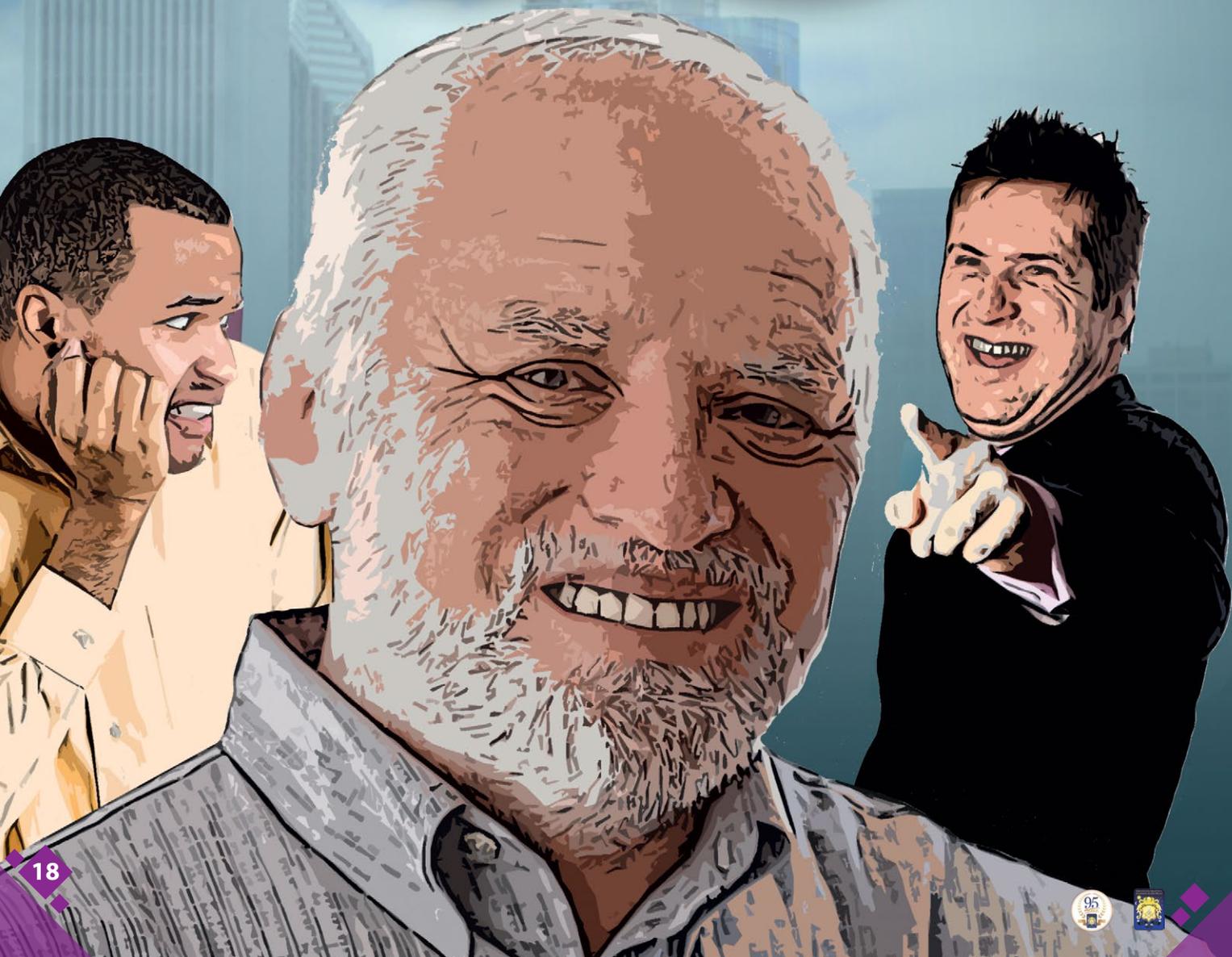
E, finalmente, podemos dizer que o ensinamento maçônico sempre foi e sempre será: “O óleo precioso derramado sobre a cabeça, que santifica o corpo e as vestes; o orvalho do Hermon derramado sobre os montes de Sião, onde o Senhor derrama suas bênçãos e vida para sempre”. ◆



# ATITUDE MAÇÔNICA ALÉM DOS RITUAIS

**Irmão Adilson Pergoli Filho**

*Loja Colunas do ABC, 328 - Oriente de Santo André*



Quando falamos em atitude maçônica, podemos citar inúmeras, mas algumas são essenciais e valem a pena nos aprofundarmos numa maior reflexão. Para uma boa qualidade dessa reflexão, este texto limitou-se a uma abordagem sobre a atitude de tolerância de um maçom para além do ambiente da Maçonaria.

A tolerância é uma das virtudes mais discutidas na Maçonaria. A palavra é bonita e usada com muita frequência. Entretanto, a sua prática é demasiadamente difícil. Não porque evitamos praticá-la, mas porque é terrivelmente complicada a demarcação dos seus limites para sabermos onde ela termina, e onde começa a complacência ou mesmo a conivência.

Pela tolerância, também devemos procurar ouvir o irmão. Saber o que está acontecendo com ele, quais são os fatos novos em sua vida que o obrigam a descarrilar dos trilhos da virtude. Uns dizem que quando uma pessoa atinge idade avançada transforma-se em sábio, pelos conhecimentos e vivência obtidos. Mas alguns dizem que essas pessoas são simplesmente velhas. No conceito do autor, algumas, realmente, ficam simplesmente velhas. Isso acontece com pessoas que atingiram a velhice sem viver a vida, sem adentrar na arena para lutar por um ideal, procurando ser útil à coletividade à qual pertence. Esses são, realmente, velhos.

Mas aquele idoso que lutou, que não se importou com a possível derrota, que soube levantar-se, que analisou o motivo das quedas, que respeitou os seus adversários, que tirou proveito dos obstáculos encontrados, que compreendeu o procedimento alheio, que defendeu o seu ideal e o seu direito, que não se acovardou diante do perigo, esse não se transformou num simples velho com

a idade avançada. Ele se transformou, realmente, num sábio.

Na Maçonaria, os velhos são respeitados como sábios. Na mocidade, eles trabalharam para nos legar essa Ordem. Esses velhos sábios têm o conceito de tolerância muito nítido dentro de si. Eles sabem aumentar o raio do círculo da tolerância, nas horas em que um irmão é julgado. Eles viveram o bastante para se enriquecerem com inúmeros exemplos de comportamento, extrapolam o círculo da tolerância, algumas vezes, até aceitam uma pequena incursão no círculo da complacência, mas, nunca, admitem a entrada no círculo da conivência, que seria a degradação moral.

Falando nos velhos, lembro que certa feita fui visitar uma loja muito antiga. Lá estavam, nas cadeiras do Oriente, quatro velhinhos. Verifiquei, com minha peculiar observação crítica, que aqueles anciões não executavam corretamente a ritualística, cochilavam, conversavam, ficavam muito alheios aos procedimentos litúrgicos. Ao sair do templo, o irmão que me acompanhava naquela visita comentou: “Você viu aqueles senhores do Oriente? Conversavam o tempo todo, alguns dormiam, além do que, faziam tudo errado”. Aquilo era um mau exemplo para os Aprendizes e Companheiros que estavam presentes. Achava ele, que o Venerável Mestre exagerava na tolerância, pois devia corrigir aquelas falhas. Outro irmão, pertencente ao quadro daquela oficina e que nos acompanhava, respondeu que um daqueles velhinhos que cochilava foi o fundador da loja e Venerável Mestre em mais de uma administração. Os outros foram, também, verdadeiros baluartes no crescimento da loja. Representavam, praticamente, a história da loja. Um deles tinha 50 anos de Maçonaria.

Agora veja só a situação do Venerável Mestre. Poderia ele chamar a atenção daqueles irmãos? Pedir-lhes que não viessem à loja, que estavam dispensados? Privar esses irmãos que tanto fizeram pela oficina daquele convívio, que era para eles a sua própria razão de viver? É evidente que o Venerável Mestre, com toda a sua sabedoria, jamais faria qualquer coisa que viesse a aborrecer aqueles veneráveis irmãos. Os irmãos Aprendizes e Companheiros é que deveriam ser instruídos ou informados sobre a razão pela qual a loja aceitava tais comportamentos.

Hoje, vemos irmãos que querem mudar tudo em loja porque tomaram conhecimento através de livros maçônicos sobre os fundamentos de determinadas práticas maçônicas ou mesmo sobre a simbologia e ritualística. Os irmãos mais velhos, normalmente, reagem a essas mudanças, mesmo ouvindo os fundamentados argumentos. Isso é louvável, porque o desejo de mudanças dos jovens e o desejo de permanência dos velhos provocam um equilíbrio, fazendo com que as mudanças, que porventura venham a ser feitas, sejam de forma racional e aceitas por todos, já que a evolução deve existir entre os maçons, como vemos na simbologia existente na abertura da corda dos 81 nós.

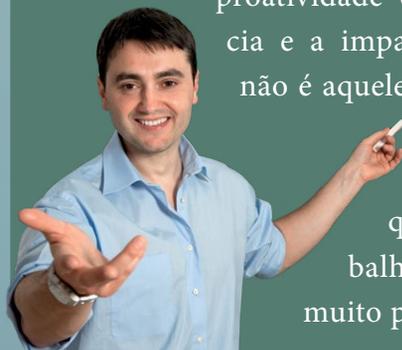
Portanto, a tolerância é o sentimento que tem o poder de propiciar a recuperação do culpado, conduzindo-o ao caminho do bem, da justiça e do dever. Um aspecto que se conflita com a tolerância é a impaciência, e observa-se que a sociedade imediatista está acabando com a nossa capacidade de lidar com a espera. Para manter relacionamentos saudáveis, reduzir a ansiedade e aceitar que nem sempre se pode controlar tudo, é necessário desenvolver a paciência, virtude cada vez mais rara numa sociedade marcada pelo imediatismo e acostuada a resolver os problemas de forma quase instantânea com um clique no Google.

Na vida real, existem alguns setores que não funcionam com um clique. De alguma maneira, a conjuntura atual nos força a perder um pouco da capacidade de lidar com a espera. A modernidade nos força a ter uma resposta e a buscar conclusões e tomadas de decisão rápidas. A paciência se desenvolve no exercício da tolerância. Identifique o que pode ser controlado por você e faça o melhor trabalho que puder com aquilo. Quanto ao que não pode dominar, deixe acontecer. Aceite que é impotente em algumas circunstâncias e você será menos infeliz.

O poeta Ferreira Gullar diz: “Você quer ter razão ou ser feliz?” Renunciar às pequenas coisas que nos aborrecem deve ser regra básica de convivência, acrescentando que o exercício da paciência nos relacionamentos nos prepara para aprender a esperar pelo momento ideal de abordar algum assunto delicado.

### Atitudes para manter a calma

Desviar o foco de atenção de situações que fogem do controle e que geram impaciência é uma dica para lidar com momentos de intolerância. Diante de qualquer dificuldade, deve-se sempre procurar manter a calma, ser comedido e evitar atitudes súbitas que certamente resultarão em arrependimento e tristeza. As pessoas estão confundindo um pouco a proatividade com a intolerância e a impaciência. Proativo não é aquele que propõe uma solução mais rapidamente, mas que começa a trabalhar para a solução muito prontamente.



## O outro lado da impaciência

Apesar de ser considerada como um estado negativo, a falta de paciência ajuda na própria sobrevivência e nas defesas humanas. Há situações em que a intolerância é fundamental, por exemplo, quando a vida está ameaçada. Se fôssemos muito tolerantes à fome, ao frio, à violência, nos colocaríamos em situações de perigo. O alto nível de impaciência funciona bem em contextos primitivos.

Vivemos em uma sociedade na qual a paciência está sendo substituída pela emergência e que não fazer algo ou não atingir um objetivo é sinal de fraqueza, burrice e incapacidade, dando a impressão que tudo tem que ser para já, para agora.

É preciso considerar caso a caso para saber se a impaciência vivenciada no momento é necessária ou se apenas funciona como uma demanda da modernidade.

Você admite no seu meio social ou profissional que seu parceiro pense e tenha atitudes diferentes das suas? Você mesmo já se permitiu ter opinião diferente daquela que tinha dois minutos atrás? E aceitar que você seja diferente, já aceitou? Você é tolerante consigo mesmo ao olhar para dentro e ver que tem um monte de coisas que sente necessidade de mudar, mas ainda não conseguiu resolver tudo de uma única vez? Ser tolerante é entender que cada um tem a sua própria identidade, o seu próprio caminho e maneira de pensar para achar uma solução.

Ser tolerante com o que temos internamente é a chave para termos mais paz interior. Entender que cada ser humano é um amigo que está em sua grande caminhada de aprendizado – assim como nós estamos na nossa – é uma dádiva que faz mudar tudo a nossa volta. Para você ter um exemplo disso em sua vida, pense em



andar pelas ruas sentindo uma energia de amizade envolvendo você e as outras pessoas. Isso é muito bom de ser feito no trânsito. Comece a ver o outro motorista como um amigo indo por um caminho semelhante ao seu e veja como isso traz calma. É uma serenidade que aumenta a cada vez que você começa a pensar assim com maior intensidade. Mesmo que haja algum tipo de acidente de trânsito em que esteja envolvido, ao manter essa força de amizade entre você e a outra pessoa, vai compreender melhor, vai ter mais tranquilidade na hora de resolver o problema. Porque, afinal, você aceita que um amigo erre, já um inimigo, aquele que disputa um pedaço da rua com você, não pode ter falhas.

Você entende que a atitude do mundo depende muito da maneira como vemos esse mundo? Se o vemos como um lugar de guerra, realmente ele vai ser de guerra. Mas ao sermos tolerante com os outros, aprendemos a fazer circular em nossas vidas um fluxo de energia boa. E, certamente, essa sensação tão maravilhosa nos permite constatar que não estamos sozinhos sem nossos verdadeiros amigos por perto. Afinal, nos sentimos fazendo parte de um grande todo.

A correria e a pressão do dia a dia vêm tornando as relações interpessoais cada vez mais tensas e irritantes. Não são poucas as pessoas que demonstram impaciência para lidar com opiniões conflitantes. Uma prosaica troca de ideias, às vezes, se transforma em uma discussão acirrada simplesmente porque ninguém exercita mais a capacidade de compreender o outro. Se você também já percebeu que precisa trabalhar melhor a tolerância, confira sete dicas dadas por especialistas e elencadas por Heloísa Noronha no artigo “Siga sete passos para ser uma pessoa mais tolerante”, publicado no *Universa Uol*, em 3 de setembro de 2014:

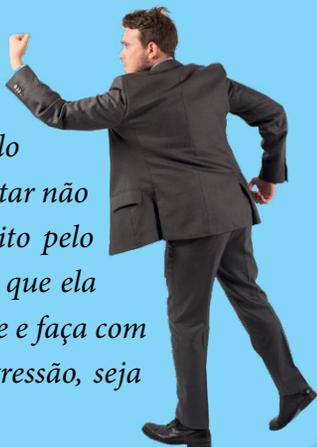


### “1. Ouça o outro

Se você quer que escutem e aceitem, ou pelo menos, entendam sua opinião, trate também de ouvir a outra pessoa. “Mostre interesse genuíno e procure compreendê-la, ou seja, preste atenção em seus sentimentos, ideias e vontades, sem julgamentos”, diz o psicólogo clínico e coach João Alexandre Borba, de São Paulo (SP). Saiba digerir opiniões contrárias, mesmo que não concorde com elas. Quem é intolerante não costuma admitir que os demais tenham a própria maneira de pensar e se manifestar. “Não concorda com a pessoa? Tudo bem. Mas você precisa aceitar outras possibilidades de pensamento, e, acredite, você pode aprender muito com elas”, completa João Alexandre.

### 2. Não aja com desrespeito

Respeito é algo válido para qualquer área da vida. Para ser tolerante, você precisa, antes de qualquer coisa, respeitar o próximo e a si mesmo. “Mesmo que de alguma forma você se sinta ofendido, mantenha o respeito em relação ao outro. Ridicularizar e humilhar o próximo não irá fazer nada por você. Lembre-se que todos têm direitos e nada justifica o desrespeito”, explica Madalena Feliciano, diretora do Instituto Profissional de Coaching, de São Paulo (SP). No entanto, respeitar não é aceitar a ofensa, muito pelo contrário, é não deixar que ela o abale emocionalmente e faça com que você parta para agressão, seja física ou verbal.



### 3. Resolva conflitos

Seja no trabalho, no grupo de amigos ou entre familiares, assuma a função de pacificar o ambiente. Não provoque discórdia, não levante a voz e sempre tente manter a harmonia do local. Escute as pessoas com atenção e busque compreendê-las. “Diante de um comentário negativo de alguém ou sobre alguém, demonstre o lado positivo das pessoas e situações, sempre de forma sincera e verdadeira. Indivíduos tolerantes sabem contornar conflitos desgastantes e evitam que sua energia seja drenada por eles”, diz Madalena Feliciano.

### 4. Exercite a paciência

Numa situação de conflito interpessoal, procure controlar sua ansiedade antes de se indispor com os demais ou tentar convencê-los de algo sob o peso da irritação. Abaixar o tom de voz, preste atenção à sua respiração, inspire o ar profundamente e solte bem devagar pelo nariz. Diminua o ritmo e a velocidade do que está fazendo, concentrando-se mais em você e nas suas ações, e não nas do outro”, conta Mara Lúcia Madureira, especialista em terapia cognitivo-comportamental, de São José do Rio Preto (SP). Isso evita que uma discussão se inicie ou piore por conta do seu estado de ânimo.



### 5. Cuidado com o mau humor

É fundamental evitar discutir ou revidar provocações quando não estiver bem consigo mesmo, seja por problemas profissionais, domésticos ou pessoais. Preserve-se, dê tempo para digerir o conflito e elaborar suas emoções. Só depois, quando se acalmar e estiver com o mínimo de estresse possível, retome a conversa ou tome decisões. “Durante uma discussão, quando os ânimos estão exaltados, é preciso interromper a situação e retomá-la quando o controle emocional for recobrado. Do contrário, um tentará impor ao outro suas razões, a gravidade do conflito se intensificará e não se chegará a uma solução racional”, fala a psicóloga Mara Lúcia.

### 6. Faça uma autoavaliação

Muitas vezes, o que não toleramos no outro é o reflexo daquilo que não suportamos em nós mesmos e, por ser inconsciente, não conseguimos modificar. É essencial fazer um exercício de autoconhecimento e tornar esse fato consciente, para, então, trabalhá-lo. Identificar o que incomoda nas pessoas e na própria natureza favorece a autocrítica adequada e o controle das emoções e atitudes. “Ao se confrontar com alguém que o incomoda, analise atentamente quais características ou comportamentos o irritam e pergunte-se o quanto essas características também estão presentes em sua personalidade. Ao contemplar em si mesmo aquilo que condena, você poderá lidar melhor com o outro, pois o pois o compreenderá”, fala a psicóloga Lourdes de Paula Gomes, diretora da Facis (Faculdade de Ciências da Saúde de São Paulo).

### 7. Coloque-se no lugar do outro

Segundo a psicopedagoga e terapeuta familiar Quézia Bombonato, diretora da ABPp (Associação Brasileira de Psicopedagogia), uma das maneiras mais eficazes de desenvolver a tolerância é exercitar diariamente a capacidade de lidar com o diferente.

“É fundamental deixar o lugar de dono da verdade e avaliar como os outros lidam com determinados fatos segundo seus valores, crenças, razões e motivações”, diz. Esse também é um excelente exercício para trabalhar os próprios preconceitos.”



Mansidão, paciência, humildade e tolerância são virtudes que precisam ser adquiridas e trabalhadas a cada dia. Fazem a diferença na vida de quem às possui e na sociedade como um todo. São essas virtudes que precisamos observar nos que estão a nossa volta e, principalmente, aplicá-las em nossas vidas. Não gaste seu tempo criticando. Aplique seu tempo aprendendo. Não jogue fora seu tempo julgando. Observe formas de ajudar. ◆

### Bibliografia

- BRUNO, Alci. *Aconteceu Na Maçonaria*. 1ª Edição. São Paulo: A Gazeta Maçônica, 1996.
- NORONHA, Heloísa. *Siga sete passos para ser uma pessoa mais tolerante* (matéria). In *Universa Uol*: <https://bit.ly/3GiT5hj>
- SOUZA, Susan. *Dicas para ser uma pessoa mais paciente* (matéria). In: <https://bit.ly/3EhjI3o>



# OS Nossos TEMPLOS INTERIOR

**Irmão Luiz Roberto Vasconcellos Boselli**  
*Loja Zênite, 441 – Oriente de Marília*

Quando somos iniciados em uma loja maçônica, tomamos conhecimento que seremos inseridos em um mundo novo. Em uma instituição essencialmente iniciática, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista. Proclama a prevalência do espírito sobre a matéria. Pugna pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade, por meio do cumprimento inflexível do dever, da prática desinteressada da beneficência e da investigação constante da verdade, sendo seus fins supremos: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. E, após a Iniciação, também ficamos cientes de que somos uma Pedra Bruta e que devemos desbastar essa Pedra Bruta durante a vida maçônica.

Assim, as nossas atenções se voltam para o nosso Templo de Dentro. Somos homens já detentores de qualificações, as quais foram o motivo do honrado convite recebido. Entretanto, a Maçonaria oferece a todos os iniciados materiais de estudo e assegura apoio nesse crescimento, sempre que for solicitada nessa trajetória. O trabalho de desbaste da Pedra Bruta é interminável.

Isso posto, vamos esclarecer: em todo Grau que você estiver encontrará farto material que contribuirá com a sua formação maçônica. O importante é sempre procurar o seu Padrinho.

Mas agora vamos entender como possuímos as qualificações necessárias que culminaram com o honrado convite. Todo o ser humano vivencia duas socializações na sua formação como cidadão e se torna membro de uma comunidade. Ser mais atuante ou menos atuante nesta comunidade dependerá de como vivenciou as duas socializações.

Durante a vivência no mundo profano, em nossa trajetória, vamos experienciar a formação do nosso caráter cidadão. Sobretudo como cidadãos cômicos dos eixos éticos e existenciais da cidadania: saber – ciente do contexto do aqui agora; dever – consciência de deveres e direitos; querer – motivações pessoais e profissionais; fazer – atuar cooperativamente como sujeito de suas ações, porém, preservando sua individualidade e sua singularidade.

A primeira socialização é um processo que vivenciamos em nosso agrupamento familiar, ou seja, em toda a nossa família. Durante esse caminhar, absorvemos os valores referentes à religião, à política, ao caráter, à retidão, à formação escolar e profissional e outros valores significativos para a família.

A socialização secundária é o vivenciamento de todas as participações no mundo externo à família. Nessa vivência, comumente ocorrem alguns fenômenos que nos levam a questionar os valores familiares recebidos até então

e, às vezes, chegamos a substituí-los por outros adquiridos no mundo externo à família. Conflitos são comuns quando acontecem esses questionamentos, principalmente no âmbito familiar.

Sendo assim, a construção de um templo interior se torna uma obra sempre em andamento, de fato, nunca terminada. E, maçonicamente, estamos sempre “construindo templos à virtude e cavando masmorras aos vícios”, cabendo ao maçom descobrir seu caminho para que vislumbre as virtudes e continue na estruturação do seu templo interior.

Nesse trabalho de aprimoramento do nosso templo interior, não teremos apenas nossos momentos altos, pois os momentos baixos também chegarão. Somos seres humanos e, como tais, imperfeitos. O importante é não esmorecer e persistir sempre, acreditando principalmente em si. Pois, assim sendo, os “trabalhos tomam força e vigor”. Apenas desse modo, vivenciando o bem estar pleno, é que podemos contribuir com a felicidade da humanidade. É sabido no universo maçônico que os ensinamentos da Sublime Ordem motivam todos os irmãos a se dedicarem à felicidade de seus semelhantes, não somente porque a razão e a moral lhes impõe tal obrigação, mas pelo fato de esse sentimento de solidariedade os fez Filhos Comuns do Universo e amigos de todos os Seres Humanos. Enfim, somos cidadãos livres porque conquistamos esse direito e somos de bons costumes porque aprendemos e conseguimos harmonizar as nossas imposições orgânicas com as demandas inconscientes, com o nosso roteiro espiritual e com as normas e leis vigentes em nossos contextos sociais.

Dessa forma, o melhoramento do nosso templo interior é um processo de custo da psique e do emocional que possuímos. É um processo que demanda muita leitura, estudos e reflexões. Esse processo existencial é para toda a nossa vida. E a vivência desse processo já o qualifica para contribuir com a humanidade em projetos humanitários: de paz, educacionais, assistenciais, filantrópicos, da área de saúde, ecológicos e outros mais diversificados. É fundamental a experiência de um maçom em projetos comunitários, pois a experimentação de atividades comunitárias nos acarreta emoções infindáveis. ◆

## Bibliografia

- BREYNER, Antonio Juliano. *Em busca da verdade*. Londrina: Ed. Maçônica A Trolha, 2022.
- D'ELIA JUNIOR, Raymundo. *100 Instruções de Aprendiz*. São Paulo: Ed. Madras, 2007.
- GABRIEL, Renato. *Maçonaria e os Desafios Sociais*. Londrina: Ed. Maçônica A Trolha, 2017. Cadernos de Pesquisa nº 29.
- GLESP. *Manual Aprendiz Maçom: Ritual do Simbolismo*. São Paulo, 2009.
- LIMA, Walter C. *Ensaios Maçônicos do Arco Real*. Londrina: Ed. Maçônica A Trolha, 2022.
- \_\_\_\_\_. *O esquadro e o compasso acontecem*. Londrina: Ed. Maçônica A Trolha, 2016.

# UMA VIDA DE FRENTE PARA O ALTAR

**Irmão Oreste Guerra Neto**  
*Loja Pelicano, 233 – Oriente de São Paulo*



**H**á muito tempo, desejoso por conhecer os mistérios da natureza e da ciência, trabalhava um Companheiro maçom com razão e inteligência. Executor da arte, realizava os planos traçados pelos Mestres, dedicando energia, sendo fonte de luz com foco ardente.

Sob a presença do IOD, os tantos significados da letra G, sendo geometria, gravidade, geração, gênio, gnose. A construção universal, a compreensão dos fenômenos aliada ao amor, a fusão das almas, sem limites do talento, concretizando a obra da vida em busca dos mistérios da existência.

A passagem entre colunas fez com que esse Companheiro buscasse afugentar as trevas e aprender a discernir o erro, através da sua sensibilidade e imaginação. Acostumado com o manuseio do maço e do cinzel, ele aprende a usar a régua, o compasso, a alavanca e o esquadro. A correção dos defeitos em busca da perfeição o faz fugir da realidade, empregando a energia e sabedoria na construção do seu templo interior.

Ofuscado pela luz, ele relembra sua última viagem de Companheiro, sem instrumentos em mãos, pois havia passado pela completa transformação. Quando da entrada no templo, ele não é obrigado a seguir sempre a mesma direção, já não é mais um ignorante, mas sempre volta para a retidão.

O seu sofrimento provado é o prêmio da vida, onde suas alegrias são proporcionais às suas obras, suas ações. Ao olhar a estrela flamígera, ele lembra das vicissitudes da vida. Presente entre o Sol e a Lua, ela irradia a luz (inteligência, razão, compreensão, imaginação).

Quando lhe é concedido um lugar no templo, ele se depara com as joias que o fazem refletir e se emocionar. Esquadro, nível, prumo, pedra bruta, pedra cúbica e a prancheta o fazem lembrar que todos os homens são iguais, que tudo possui seu intrínseco valor e que o exemplo é a melhor maneira de um soldado recrutar.

Esse Companheiro, perseguido pelo desejo de inspirar, roga ao Grande Arquiteto do Universo para lhe guiar em tudo em que lhe confiar. Que sobre as águas ele possa caminhar, por onde o Altíssimo lhe chamar. Ele espera o fundo do oceano visitar, se assim for preciso, para sua fé aumentar.

Mais do que os quatro elementos (água, terra, fogo e ar), o espírito universal que permeia cada cicatriz, cada sinal (quintessência), cada parte de nosso corpo, irá sustentar e impedir a carne dos ossos arrancar.

Pode ser que a letra G seja somente uma alusão à Deus (*God*, em inglês), mas para esse simples irmão, que essa peça termina de concretizar, a letra G é a engrenagem (*gear* em inglês) que faz todo o Universo se equilibrar. ◆

## Bibliografia

- *Companheiro Maçom* - Ritual do Simbolismo – Glesp.
- *Anuário de Pesquisas e Estudos da Loja L'Aquila Romana* – 3365.
- <https://exame.com/ciencia/substancia-misteriosa-pode-ser-explicacao-para-materia-escura-no-universo/> (Acesso em 06/04/2022 às 19:09).





O LADO OCULTO DA ABLUÇÃO  
**NO GRAU DE  
APRENDIZ**

**Irmão Antonio Carlos Gonçalves Fernandes**  
*Loja Cavaleiros do Alto Tietê, 439 – Oriente de Mogi das Cruzes*

**“Tudo vem da água, tudo possui água...  
A inexistência da água traz a inexistência da vida  
... Ela é a primeira substância que origina a vida”  
(Tales de Mileto).**

**E**ntre os diversos elementos que fazem parte desse planeta, a água tem merecido especial atenção por parte da humanidade, não apenas porque apresenta interesse na assepsia das pessoas, mas também pela sua ocupação de destaque desde os mitos da criação.

A cosmogonia babilônica nos ensinava, por exemplo, que no começo não havia céu nem terra, somente uma única matéria, a água primordial, da qual saíram dois deuses: o masculino, isto é, representando a água doce, o meio em que flutuava a Terra; e o feminino, simbolizado pela água salgada, que gerou todas as criaturas.

Segundo a Bíblia, “o espírito de Deus se movia sobre a face d’água” (Gênesis 1:2). Graças a esses ensinamentos de diversas religiões ao longo do tempo, os homens acabaram acreditando que a água, de fato, tem qualidades especiais que regeneram, purificam e ajudam as pessoas, além de curar, dar sorte, tirar azar, desfazer malefícios etc.

Foi através da existência desses fatos que houve a crença de poderes mágicos que alimentou histórias sobre a existência de regiões de minas d’água, fontes, riachos ou lagos sagrados.

Os islamitas reverenciam a água por seu poder purificador e por isso lavam-se antes das cinco preces que fazem diariamente. Para facilitar essas abluções exigidas pela religião, tanques com água são sempre encontrados na vizinhança das mesquitas.

Se a água não está disponível em quantidade suficiente, pode ser praticada a *tayammum*, ou ablução seca, que consiste em:

1. Bater ambas as mãos levemente contra terra, pedra ou areia;
2. Esfregar a face uma vez;
3. Esfregar as mãos (até aos pulsos) como se a lavasse.

O costume de banhar-se de forma ritualística também existia no antigo Egito. Lá os sacerdotes cortavam os pelos do corpo a cada três dias, banhando-se em água fria duas vezes ao dia e duas vezes durante a noite.

No hinduísmo, pratica-se o banho ritual nos rios e lagos sagrados e mesmo em tanques colocados no interior dos templos, locais estes considerados centros espirituais que ligam os praticantes de abluções ao céu.

Em algumas regiões da Índia, até imagens de Buda e de outras divindades são regularmente banhadas. Seu significado religioso, quando banhado no rio Ganges, não se iguala a nenhum outro curso d'água do mundo.

Segundo a tradição hinduísta, o Ganges nasce na cabeça do deus Shiva, que permanece sentado no pico do Monte Kailas, no Himalaia, em estado de perpétua meditação, gerando imensa força espiritual que sustenta o cosmos. Depois de sair da cabeça de Shiva, o Ganges desce pelas encostas das montanhas, passa pelas imensas planícies do país, percorrendo aproximadamente 2.500 quilômetros antes de desaguar na Baía de Bengala. Ao longo desse percurso, há inúmeros lugares especialmente reservados aos peregrinos, principalmente a cidade sagrada de Benares.

No cristianismo, também se acredita que a água

tem o poder de purificar e admitir o ser humano no seio da cristandade, razão pela qual ela é usada em cerimônias especiais, tais como o batismo. “O batismo, porta dos sacramentos, necessário na realidade ou ao menos no desejo para a salvação, e pelo qual os homens se libertam do pecado, se regeneram, tornando-se filhos de Deus, e se incorporam à Igreja, configurados com Cristo mediante caráter indelével, só se administra validamente através da ablução com água verdadeira, usando-se a devida fórmula das palavras” (*Código de Direito Canônico*, can. 849).

Há, ainda, a famosa missa de “lavapés”. Conforme consta no Novo Testamento, as abluções passaram para segundo plano pela necessidade da pureza interior exigida pelo Evangelho. No entanto, Jesus lava os pés de seus discípulos na última ceia (João 13:1-16).

No ritual católico, durante a missa, há a ablução das mãos do celebrante antes do rito de consagração e do cálice após a comunhão. Nas missas de rito tridentino, após o rito da comunhão, os dedos do celebrante são lavados sobre o cálice, a fim de que nenhuma partícula da hóstia consagrada, por menor que seja, venha a ser desprezada.

“Nenhuma ablução, nem mesmo ritual, é capaz de originar a pureza moral. Esta tem a sua fonte exclusiva no interior do homem: provém do coração” (Papa João Paulo II. Audiência geral de 10 de Dezembro de 1980).

Embora geralmente receba esse sacramento na infância, certas religiões protestantes, caso dos adventistas e batistas, só batizam seus fiéis após se tornarem adultos, pois, segundo os Evangelhos, o batismo de Jesus no rio Jordão ocorreu depois que ele completou 30 anos de idade.

Em algumas religiões cristãs, a principal ablução é o rito batismal, onde se derrama água na pessoa a fim de que ela seja purificada do pecado original.

No Japão, há um banho ritualístico de purificação que é feito em água fria e em nudez total, com ablução seguindo uma ordem preestabelecida, ou seja, começa pela boca e o rosto, segue para as partes sexuais, sobe ao peito, passa pelo ventre, pernas e pés. Em seguida, são lavados os ombros, os braços e as costas. O ritual termina com a nova lavagem no peito.

O significado da ablução no judaísmo: as purificações rituais judaicas são geralmente prescritas para a recuperação da pureza ritual (Levítico 15).

O significado das abluções afro-brasileiras: são realizadas através da lavagem ritualística a seco com pipoca ou a famosa Lavagem do Bonfim.

O significado das abluções na Maçonaria: utilizadas para submeter todos os iniciados a uma lavagem simbólica através de um utilitário tão sugestivo para essa finalidade como o Mar de Bronze, tal como se fazia no tempo de Salomão.

Sua inserção como símbolo da Maçonaria consumou-se sob fortes razões. Uma delas, a principal, é a de que o Templo Maçônico, segundo os princípios e fundamentos da Ordem, teria e tem de ser concebido à semelhança do Templo de Salomão. Outra é a prova da água à qual o candidato é submetido. No transcorrer do ritual de Iniciação, já prestes a sair vitorioso do porfiado combate entre o homem profano e o homem maçom, o neófito é levado obrigatoriamente até ao Mar de Bronze para ali ser purificado através da água e, assim, simbolicamente, livrar-se de todos os males do lugar de onde veio

para ser recebido como homem justo e perfeito no seio da Maçonaria.

Para a nossa sublime instituição, o Mar de Bronze tornou-se um de seus mais importantes símbolos, e mais do que isso, ele se tornou um instrumento insubstituível, que se acha definitivamente inserido no ritual de Iniciação. Sem passar por ele e sem ser purificado, nenhum profano conseguirá alcançar a felicidade e a honra de um dia poder orgulhosamente ser reconhecido como verdadeiro maçom e legítimo irmão.

Como visto acima, a ablução nos rituais da Maçonaria serve para a purificação do iniciado nos seus sete corpos, ou seja, físico, astral, mental, intuitivo, espiritual, monádico e divino, e após a ritualística exigida, o neófito estará apto a receber a Verdadeira Luz! ◆



# O Brasão das Armas Nacionais

Irmão André Muniz Marinho da Rocha

*Loja União do Vale, 214*

*Oriente de São José dos Campos*

O Brasão das Armas da República, também conhecido como Armas Nacionais, Brasão da República ou, simplesmente, Brasão do Brasil, é um dos quatro símbolos nacionais. Representa a pátria brasileira. Trata-se de um símbolo republicano, instituído por meio de decreto no dia 19 de novembro de 1889, por ocasião da Proclamação da República.

O Brasão da República foi idealizado por Artur Sauer, técnico alemão da Casa Lammert, famoso estabelecimento gráfico do Rio de Janeiro. A Casa Lammert lançou diversos autores brasileiros e publicou, de 1833 até a década de 1930, o *Almanak Laemmert*, sendo indispensável para conhecimento do passado comercial, financeiro e social brasileiro do século 19 e início do século 20.

Artur Sauer veio ao Brasil a convite de seus compatriotas Eduardo e Henrique, tornando-se sócio dos dois. Era um homem culto, engenheiro formado na Alemanha, antigo oficial do exército prussiano, tornou-se, depois, cidadão brasileiro por ser casar com uma brasileira nata.

Com o advento da Proclamação da República do Brasil, Artur Sauer incumbiu seu mestre de oficina de fazer um desenho das armas para oferecê-lo ao Governo Provisório. Dessa for-

ma, instruiu como desenhista Luís Grüder, seu funcionário. Terminado o projeto, o Marechal Deodoro da Fonseca, em sua casa no Campo de Sant'Ana, aprovou-o, e o jornal *O Carmense*, de 2 de fevereiro de 1890, editado na cidade do Carmo/RJ, reproduziu em sua primeira página o desenho das Armas Republicanas. As Armas Oficiais da República dos Estados Unidos do Brasil (figura 1), apresentadas ao Governo Provisório pela Casa Laemmert & Cia, da Capital Federal, foram aprovadas pelo Decreto nº 4, de 19 de novembro de 1899 (sic):



Figura 01. “Armas Nacionaes”.

*“Estabelece os distintivos da bandeira e das armas nacionais, e dos sellos e sinetes da Republica.*

*O Governo Provisório da Republica dos Estados Unidos do Brazil:*

*Considerando que as côres da nossa antiga bandeira recordam as luctas e as victorias gloriosas do exército e da armada na defesa da pátria;*

*Considerando, pois, que essas côres, independentemente da fórmula de governo, symbolizam a perpetuidade e integridade da pátria entre as outras nações;*

*DECRETA:*

*...*

*Art. 2º As armas nacionais serão as que se figuram na estampa annexa n. 2.*

*...*

*Art. 4º Ficam revogadas as disposições em contrario.*

*Sala das sessões do Governo Provisório, 19 de novembro de 1889, 1º da Republica. Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório.*

*Q. Bocayuva. Aristides da Silveira Lobo. Ruy Barbosa. M. Ferraz de Campos Salles. Benjamim Constant Botelho de Magalhães. Eduardo Wandenkolk.”*

Com o passar dos anos, o texto do Decreto nº4, de 19 de novembro de 1899, ganhou nova forma com a apresentação dos Símbolos Nacionais, instituídos conforme redação da Lei No 5.700, de 1º de setembro de 1971:

## *“CAPÍTULO I*

### *Disposição Preliminar*

*Art. 1º São Símbolos Nacionais, e inalteráveis:*

*I - a Bandeira Nacional;*

*II - o Hino Nacional;*

*III - as Armas Nacionais; e*

*IV - o Selo Nacional.”*

A retratação da heráldica do Brasão das Armas Nacionais (figura 2) é definida na mesma Lei Nº 5.700, de 1º de setembro de 1971 (sic):

## *“CAPÍTULO II*

### *Da forma dos Símbolos Nacionais*

*...*

### *SEÇÃO IV*

*...*

#### *Das Armas Nacionais*

*Art. 7º. As Armas Nacionais são as instituídas pelo Decreto nº 4 de 19 de novembro de 1889 com a alteração feita pela Lei nº 5.443, de 28 de maio de 1968 (Anexo nº 8).*

*Art. 8º. A feitura das Armas Nacionais deve obedecer à proporção de 15 (quinze) de altura por 14 (quatorze) de largura e atender às seguintes disposições:*

*I - o escudo redondo será constituído em campo azul-celeste, contendo cinco estrelas de prata, dispostas na forma da constelação Cruzeiro do Sul, com a bordadura do campo perfilada de ouro, carregada de estrelas de prata em número igual ao das estrelas existentes na Bandeira Nacional;*

II - O escudo ficará pousado numa estrêla partida-gironada, de 10 (dez) peças de sinopla e ouro, bordada de 2 (duas) tiras, a interior de goles e a exterior de ouro.

III - O todo brocante sôbre uma espada, em pala, empunhada de ouro, guardas de blau, salvo a parte do centro, que é de goles e contendo uma estrêla de prata, figurará sôbre uma coroa formada de um ramo de café frutificado, à destra,

e de outro de fumo florido, à sinistra, ambos da própria côr, atados de blau, ficando o conjunto sôbre um resplendor de ouro, cujos contornos formam uma estrêla de 20 (vinte) pontas.

IV - Em listel de blau, brocante sôbre os punhos da espada, inscrever-se-á, em ouro, a legenda República Federativa do Brasil, no centro, e ainda as expressões '15 de novembro', na extremidade destra, e as expressões 'de 1889', na sinistra."

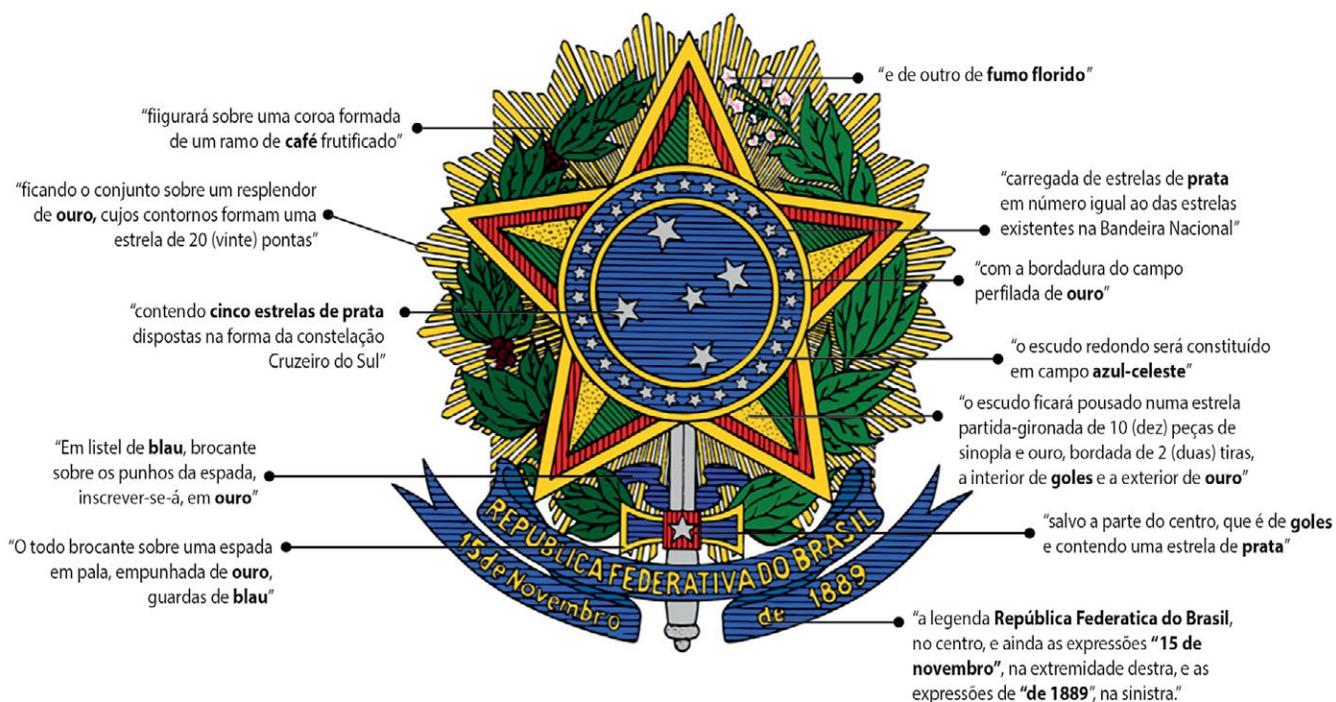


Figura 02. Heráldica do Brasão das Armas Nacionais.

O Brasão das Armas Nacionais é um dos quatro símbolos da República Brasileira e sua importância é tanta que seu uso é obrigatório pelos três Poderes da República (Executivo, Judiciário e Legislativo) e pelas Forças Armadas, estando presente

em vários prédios públicos, como os prédios dos governos federal, municipal e estadual. Também está presente nos quartéis das polícias. A utilização do Brasão das Armas Nacionais também é definida na Lei Nº 5.700, de 1º de setembro de 1971,

que prevê que seja gravado nas armas das Forças Armadas e em especial nas espadas dos Oficiais.

### “CAPÍTULO III

*Da Apresentação dos Símbolos Nacionais*

...

### SEÇÃO III

*Das Armas Nacionais*

*Art. 26. É obrigatório o uso das Armas Nacionais;*

*I - No Palácio da Presidência da República e na residência do Presidente da República;*

*II - Nos edifícios-sede dos Ministérios;*

*III - Nas Casas do Congresso Nacional;*

*IV - No Supremo Tribunal Federal, nos Tribunais Superiores e nos Tribunais Federais de Recursos;*

*V - Nos edifícios-sede dos poderes executivo, legislativo e judiciário dos Estados, Territórios e Distrito Federal;*

*VI - Nas Prefeituras e Câmaras Municipais;*

*VII - Na frontaria dos edifícios das repartições públicas federais;*

*VIII - nos quartéis das forças federais de terra, mar e ar e das Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares, nos seus armamentos, bem como nas fortalezas e nos navios de guerra;*

*IX - Na frontaria ou no salão principal das escolas públicas;*

*X - Nos papéis de expediente, nos convites e nas publicações oficiais de nível federal.”*

### Ritualística Maçônica

Destarte, no ano de comemoração do Bicentenário da Independência (1822-2022), a Ma-

çonaria rende sua homenagem aos Símbolos Nacionais e, em especial, ao Brasão das Armas Nacionais. O Brasão das Armas Nacionais é a mais legítima manifestação simbólica de nossa nacionalidade, como marca de um povo e insígnia da República Brasileira, construída com a perseverança de maçons patriotas. Dessa forma, cabe aos maçons a devida continuidade do culto e preservação das insígnias do País, conhecendo-lhes as origens e significados para que se saiba brasoná-los, honrá-los, defendê-los e preservá-los, como devotados guardiães.

Dentro desse espírito patriótico, a Maçonaria labora como uma ordem universal, formada por homens de todas as raças, credos e nacionalidades, acolhidos por Iniciação e congregados em lojas, nas quais, por métodos ou meios racionais, auxiliados por símbolos e alegorias, possam estudar e trabalhar para a construção da Sociedade Humana. Fundamentada no amor fraternal, na esperança de que, com amor a Deus, à Pátria e à Família, dentro dos princípios da razão e da justiça, possa alcançar o mundo a felicidade geral e a paz universal. ◆

### Bibliografia

FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio. *Dicionário de Maçonaria*. São Paulo: Editora Pensamento, 1997.

LUZ, Milton. *A História dos Símbolos Nacionais – vol. 47*. Brasília: Editora Senado Federal, 2005.

- Lei Nº 5.700, de 1º de setembro de 1971, que dispõe sobre a forma e a apresentação dos Símbolos Nacionais, e dá outras providências.

- GLESP. *Aprendiz Maçom – Ritual e Simbolismo, Rito Escocês Antigo e Aceito*.



# A Verdade

A REVISTA DO MAÇOM



**R\$ 106,15**

Revista em  
formato digital

- Jornalismo, informação e estudo
- O pensamento dos mais conceituados autores da Maçonaria contemporânea
- História, ritualística, simbologia, filosofia e muito mais...

Para obter a assinatura anual (6 edições digitais) envie cheque nominal à Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo, no valor de R\$ 106,15, juntamente com seus dados (nome, endereço completo, telefone, e-mail, loja, oriente e potência) para a Caixa Postal 2.774, CEP 01031-970, São Paulo, SP.



[www.glesp.org.br](http://www.glesp.org.br)